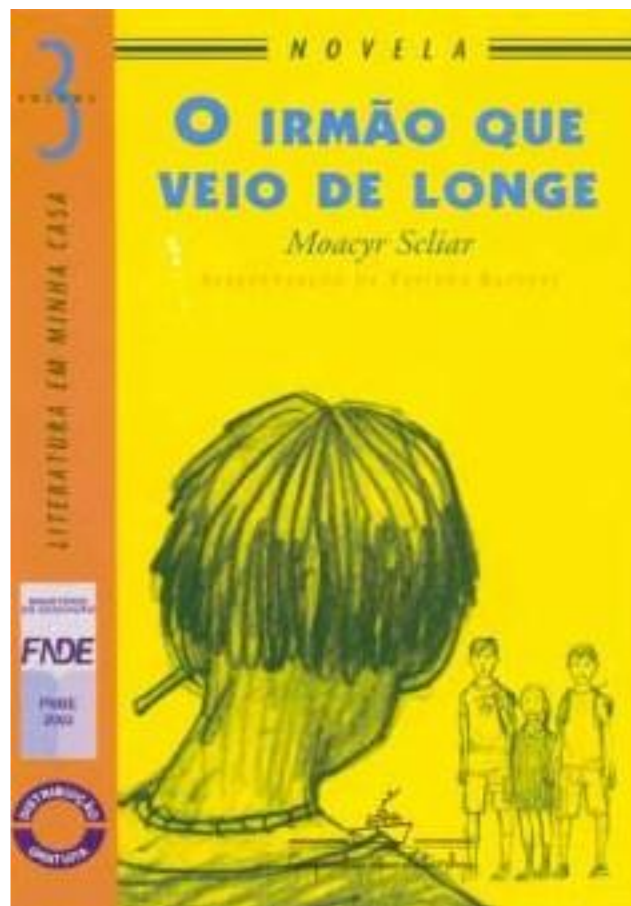
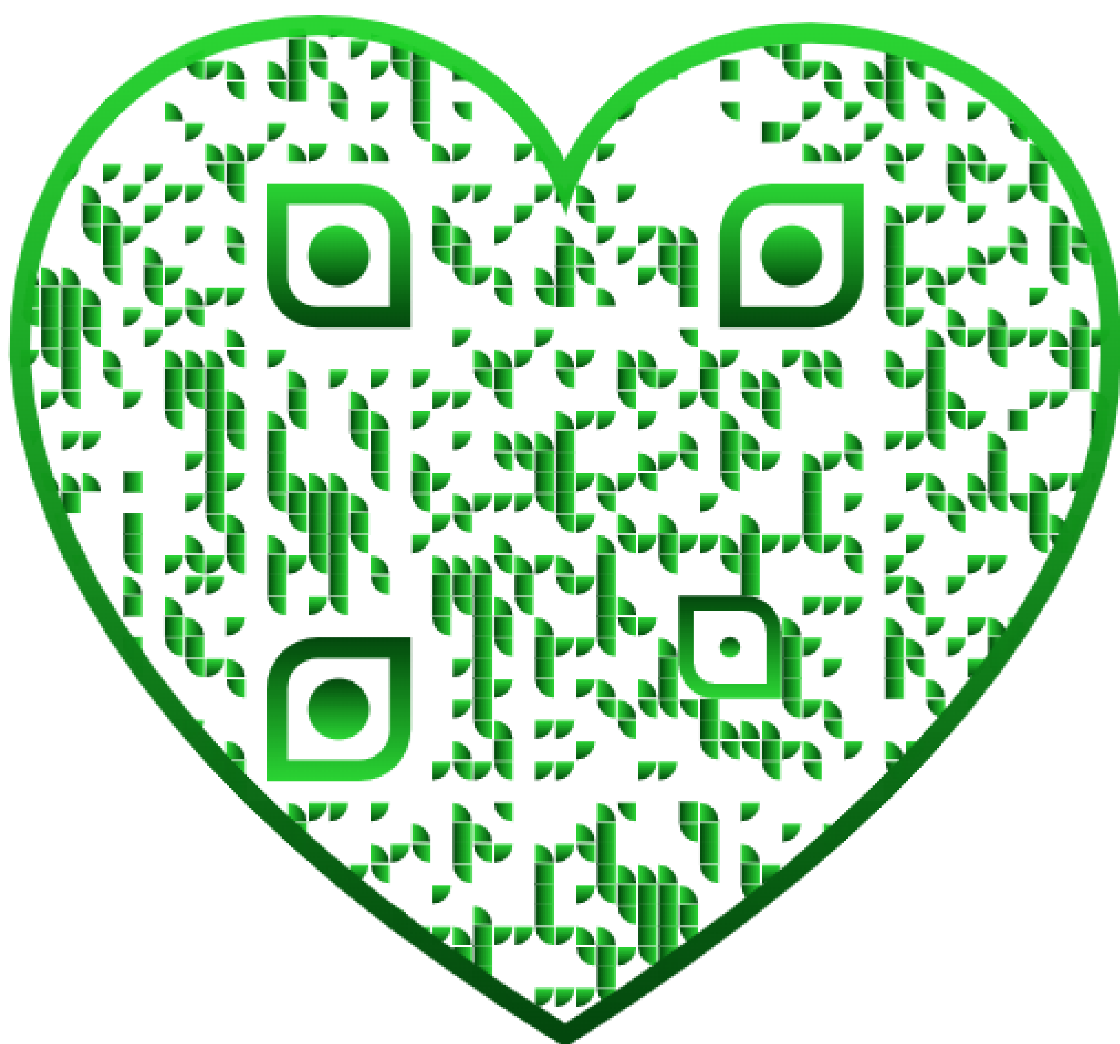


O Irmão Que Veio de Longe

Moacyr Scliar



Capa:
João Baptista da Costa Aguiar
Preparação:
Márcia Copola
Revisão:
Carmen S. da Costa
Renato Potenza Rodrigues
Beatriz de Freitas Moreira

Apresentação

Moacyr Scliar é um grande contador de histórias. Histórias de todo tipo — realistas ou fantásticas, verdadeiras ou inventadas, e muitas outras —, todas sempre interessantes e empolgantes, que conseguem pegar e segurar o leitor com a sua aparente facilidade e simplicidade. Aparente — porque não são muitos os escritores que sabem ser ao mesmo tempo tão simples e fáceis de ler, e tão ricos de significado humano.

Talvez essa riqueza se deva em parte ao fato de Moacyr Scliar ser médico, e médico praticante, que não pára de exercer a sua nobre profissão como sanitarista, a qual o põe em contato constante com gente de carne e osso. Ou talvez seja "vice-versa": o seu segundo ofício, o de escritor, pode quiçá enriquecer a sua prática médica, aproximando-o ainda mais dos seres humanos e de suas emoções e problemas. Não sei. O que é certo é que Moacyr Scliar é mesmo um grande contador de histórias. Histórias como a deste livro, que conta o caso de uma família da cidade grande que se vê na contingência de enfrentar uma situação difícil e delicada: a de ter de assumir um "irmão que veio de longe" — da Amazônia, onde o chefe da família, o pai, um indigenista... Mas não vou revelar a história nesta apresentação.

Quem vai contá-la é um dos personagens do livro, um adolescente chamado Cauê — que não é índio e que relata, do seu próprio ponto de vista, o que aconteceu e mudou toda a vida da sua família.

É um relato emocionado e emocionante, sincero, cheio de sentimento. E de

sentimentos diversos — alegria e tristeza, mágoa e ciúme, preconceito e generosidade, dignidade e coragem. Uma história que é "maior por dentro do que por fora".

Eu não disse que as histórias de Moacyr Scliar escondem uma grande riqueza na sua aparente simplicidade?

Pois é. Essa história é assim. E, de quebra, traz uma série de belas lendas indígenas. Vocês vão gostar!

Tatiana Belinky

— 1 —

Meu pai não era exatamente um homem famoso, mas era bem conhecido. Seu trabalho volta e meia resultava em notícias no jornal — notícias não muito grandes, mas notícias, em todo caso. É que sua atividade despertava o interesse e a curiosidade de muitas pessoas. Papai era indigenista, trabalhava para uma organização não governamental, uma ONG. Sua missão — porque ele via aquilo como uma missão, um ideal — era cuidar de algumas dezenas de índios no interior da Amazônia, próximo ao rio Javari. No passado, numerosas tribos viviam na região, mas essa população tinha se reduzido consideravelmente, pela doença, pela fome.

Papai se dedicava aos índios como se fossem seus filhos. E eles eram, de algum modo, seus filhos.

— Não como vocês — dizia-nos, rindo —, mas filhos, de qualquer maneira.

Nós, os "outros" filhos, éramos três: Poti, o mais velho, tinha naquela época doze anos; Jaci, a mais moça, sete. Eu, Cauê, o do meio, estava com onze. Como se vê, todos tínhamos nomes indígenas, o que era também uma prova do entusiasmo de papai.

Nós nos orgulhávamos dele. Mais: nós adorávamos aquele homem. Ele não era só um excelente indigenista, era um grande ser humano, um grande pai. Passava muito tempo longe de casa — moramos no Sul —, e sentíamos sua falta, mas,

quando voltava, era uma festa. Trazia presentes para todos — artesanato indígena, claro: cocares, arcos, flechas. Mas a melhor parte eram as histórias. Papai era um ótimo contador de histórias. Desde crianças, não dormíamos sem uma de suas belas narrativas.

Algumas delas eram lendas indígenas, outras, ele próprio inventava. Preciso dizer que éramos uma família feliz? Mas até para as famílias felizes acontecem desgraças.

Tudo começou quando papai voltou de uma de suas viagens. Parecia cansado, o que não era habitual: apesar de trabalhar bastante, era um homem vivo, cheio de energia. Mas agora, ao contrário, dormia muito, não queria sair de casa. E comia pouco, o que também chamava a atenção: papai era um grande garfo.

Adorava, inclusive, cozinhar, fazer churrasco. Cheguei a comentar essas mudanças com Poti. Ele, porém, achou que não eram de preocupar. Talvez papai estivesse aborrecido: falta de verbas para pesquisa, coisa desse tipo.

Mamãe, no entanto, pensava diferente.

Secretária de um médico, tinha certa experiência com doenças. E achou que papai deveria consultar alguém. Ele disse que não, que estava bem, e que não gostava de doutores.

— Eles estão sempre descobrindo doenças na gente — protestou, em tom de brincadeira.

Mamãe não lhe deu ouvidos. Ela própria marcou a consulta, com um clínico que conhecia. Papai reclamou, disse que mamãe estava passando por cima dele, mas acabou indo ao consultório. Voltou de lá com um ar estranho.

— O que houve? — perguntou Poti, meio assustado.

Papai optou por nos tranqüilizar: estava tudo bem, o médico só pedira uns exames.

Mas não estava tudo bem, e disso nós sabíamos, mamãe, Poti e eu. Procurávamos poupar Jaci, que era uma menina muito sensível, de nossas apreensões, mas imaginávamos que os resultados dos exames não trariam boas notícias.

Foi muito pior do que esperávamos. Dois dias depois mamãe voltou do trabalho bastante abatida. Perguntou por papai. Ele estava dormindo; nos últimos

dias dormia muito, sentia-se fraco, cansado.

— Quero falar com vocês — disse mamãe, num tom que nos assustou.

Sentamo-nos na sala, Poti e eu. Ela nos olhou, e de repente começou a chorar. Mamãe era uma mulher contida, nós nunca a tínhamos visto chorar; e ali estava ela, num pranto convulso.

— Pelo amor de Deus, mamãe — eu disse —, o que aconteceu? Fale, mamãe!

Mas ela não conseguia: chorava, chorava sem parar. Fazendo um esforço muito grande, enfim se conteve. Disse que tinha sido chamada pelo médico que atendera papai.

— É grave? — perguntou Poti, a voz trêmula.

— É... sério — disse ela, escolhendo as palavras. — Não é uma coisa simples de tratar.

Respirou fundo, tentou — sem consegui-lo — sorrir:

— Mas vamos com calma. O médico vai começar imediatamente o tratamento. E a gente precisa ter confiança.

Mamãe, descobrimos depois, estava tentando nos poupar. A verdade é que ficara sabendo que papai tinha câncer, e que a doença já se encontrava num estágio bem avançado. Mas, naquele momento, mamãe procurava manter a esperança — a nossa e a sua própria:

— Precisamos cuidar do papai, precisamos ajudá-lo. Ele nunca ficou doente, não sei como reagirá. É um homem corajoso, mas mesmo homens corajosos fraquejam numa situação dessas. Temos de estar sempre a seu lado.

Temos de confortá-lo... Acho que posso contar com vocês.

— E a maninha? — perguntei. — Como é que vamos lhe dar a notícia?

— Deixem isso comigo — respondeu mamãe.

— Para ela o golpe será mais duro, mas não temos outro jeito: daqui a uns dias, de todo modo, ela ficará sabendo.

E passamos a combinar o que fazer. Minha mãe cuidaria de coisas como remédios, exames — e a hospitalização, quando chegasse a hora.

Poti e eu ajudaríamos no trabalho da casa. E Jaci colaboraria no que pudesse, no que estivesse ao alcance dela.

— Que reunião é essa?

Era papai, de pé na porta da sala. Ali estava, de pijama, e o pijama agora dançava sobre seu corpo emagrecido. Não havia dúvida: estava doente, muito doente. Mas, como sempre, sorria.

— O que é que vocês estão tramando?

Eu me apressei a responder que não era nada, que estávamos só combinando a festinha para o aniversário de Jaci, dali a uns dias.

Mas mamãe me interrompeu:

— Sente aí, Carlos. Vamos conversar um pouco.

Tinha decidido dar-lhe a notícia. E estava certa: mais tarde ou mais cedo teria de fazê-lo, e aquele momento era tão bom — ou tão mau — quanto qualquer outro. Papai sentou-se, lentamente. Olhou-nos. E, antes que mamãe pudesse falar, ele disse:

— É uma doença grave.

Não perguntou — afirmou. Sabia, sim, de seu estado. Os olhos cheios de lágrimas, mamãe acenou com a cabeça. Papai ficou em silêncio algum tempo. Depois olhou-nos, de novo. Não havia medo em seu rosto, mas tristeza, uma profunda e resignada tristeza:

— Eu já imaginava. Sabia que boa coisa não era.

Tentou sorrir:

— Mas não é por isso que a gente vai se abater, é? Vamos fazer o que tem de ser feito, e seja o que Deus quiser. Isso eu aprendi com os índios, gente: é preciso confiar na natureza. A natureza é sábia, ela...

Interrompeu-se, levou a mão à cabeça; ia cair, mas mamãe o amparou a tempo. Poti e eu o levamos para o quarto, enquanto ela telefonava para o médico.

Papai foi hospitalizado no dia seguinte. O doutor tinha razão: a doença se encontrava num estágio bem avançado, pouco havia a ser feito — sobretudo naquela época: estamos falando de uma coisa que ocorreu há vinte anos. Mas papai enfrentou bravamente o sofrimento. Quase não se queixava, apesar das dores, que, segundo o pessoal do hospital, deviam ser muito fortes. E aí aconteceu algo que se revelaria perturbador, e que viria a aumentar em muito a nossa aflição.

Era uma tarde de verão, quente, abafada.

Estávamos todos no quarto. Papai passara um dia muito difícil — tivera inclusive uma hemorragia — e agora estava recebendo uma transfusão de sangue. Parecia dormir, e nós nos mantínhamos em silêncio para não acordá-lo quando, de repente, ele abriu os olhos.

— Estou mal — disse, numa voz que era quase um sopro. — Estou mal, gente, muito mal.

Calou-se, ofegante. Pediu que nos aproximássemos.

— Tem uma coisa que preciso contar para vocês — falou, com enorme esforço. — Uma coisa muito importante, da qual nunca falei. Não tive coragem... Mas agora não posso esperar mais. Eu...

Não conseguiu continuar: o rosto contraído de dor, suando profusamente, deixou escapar um gemido. Mamãe chamou a enfermeira, que aplicou em papai um forte sedativo. Ele mergulhou num sono profundo. Na mesma noite entrou em coma, o coma de que não saiu.

Faleceu naquele fim de semana. Não tinha ainda quarenta anos.

A morte de meu pai foi noticiada em rádios, jornais, na tevê. Muita gente veio ao enterro, gente importante, inclusive.

Nada daquilo nos consolava, nada. Estávamos arrasados, olhos inchados de tanto chorar.

— Perdi o meu paizinho — dizia Jaci. — O que será de mim?

Eu procurava consolá-la, mas a verdade é que me sentia tão perdido, tão desamparado quanto ela. Mamãe, como sempre, tentava manter alto o moral.

— Nós temos de nos esforçar para superar este transe — dizia. — É uma obrigação que devemos à memória de papai.

Eu achava que nunca me recuperaria daquele golpe, e nas primeiras noites sonhava constantemente com papai: sonhos tão vívidos que uma noite saltei da cama, com a impressão de que ele estava ali, parado na porta, me olhando. Poti acendeu a luz:

— O que aconteceu? — perguntou, assustado.

Quando lhe contei, balançou a cabeça, tristemente:

— Eu também sonho com ele, Cauê. Todas as noites.

Um suspiro, e completou:

— A gente nunca vai esquecer o papai.

De fato: era impossível esquecer nosso pai. Mas, como dizia mamãe, era preciso levar a vida em frente. Voltamos a freqüentar o colégio — uma foto de papai tinha sido colocada no auditório, homenagem da Associação de Pais, da qual fora um dos diretores —, voltamos a ir a jogos de futebol, a andar de bicicleta. Mamãe agora assumira a chefia da família. Na verdade, isso não chegava a ser problema para ela. Em virtude das prolongadas ausências de papai, acostumara-se a tomar conta de tudo, e o fazia com grande eficiência. Um ano se passou assim, e, pouco a pouco, os amigos e conhecidos pararam de falar em nosso pai — até para não reabrir a ferida. Mas a nós, da família, uma pergunta perseguia, insistente, inquietante: de que segredo falava papai antes do coma? Não tínhamos a menor idéia do que poderia ser. Já Poti suspeitava que se tratasse de alguma coisa política: na época da ditadura, papai, ainda moço, conhecera guerrilheiros no Araguaia. Talvez tivesse algo para nos revelar a respeito daquilo. Nos seus papéis, que mamãe examinou cuidadosamente, não havia nada que pudesse servir de pista — nem ela estava disposta a investigar o passado de papai. Mesmo porque, acrescentava, talvez não existisse segredo algum; talvez papai estivesse delirando, por causa da doença. Aos poucos, fomos deixando de falar sobre o assunto.

— 2 —

Mas papai tinha, sim, um segredo. Que nos foi revelado de maneira inesperada.

Um domingo à tarde, estávamos todos em casa — mamãe lendo, Poti e eu vendo um jogo de futebol na tevê, Jaci desenhando — quando soou a campainha. Fui atender, e ali estava, diante de mim, um homem de uns quarenta anos, moreno, bigodudo, sorriso simpático:

— Você é o Poti. Adivinhei?

— Não. Sou o Cauê. Poti é o meu irmão. — Mirei-o, intrigado e desconfiado: — Mas como é que você sabe os nossos nomes?

Ele suspirou:

— E como eu não iria saber? Seu pai só falava em vocês. Eu passava o dia ouvindo esses nomes: Poti, Cauê, Jaci...

Deu-se conta:

— Desculpe-me, Cauê, não me apresentei. Sou Geraldo Costa. Trabalhei com seu pai muitos anos na Amazônia.

Geraldo Costa — claro, meu pai tinha falado nele, e de forma bastante elogiosa.

Fiz com que entrasse, apresentei-o à minha mãe, a Poti e a Jaci. Mamãe estava muito comovida:

— Você vai me desculpar, Geraldo, mas não consigo falar do Carlos sem me emocionar.

Você, que foi muito amigo dele, deve compreender...

— Claro, claro — disse ele, e mudou de assunto.

Pôs-se a falar da cidade, que não conhecia, a não ser pelas descrições do amigo, e do apartamento:

— Ele falava tanto deste apartamento, e de vocês, que eu me sinto em casa.

Mamãe trouxe café.

— Conte um pouco mais sobre o Carlos — disse, e sorriu, triste. — Sempre ajuda a diminuir um pouco as saudades.

Geraldo não se fez de rogado: imediatamente começou a falar sobre papai, e com um entusiasmo que nos contagiava. Sua admiração era sincera, via-se:

— O Carlos sabia tudo sobre os índios. Mas tudo mesmo. Conhecia a língua deles, os costumes, os problemas de saúde. E não havia nada que ele não resolvesse. Até fratura ele tratava. Isso ninguém me contou, eu vi: um índio quebrou a perna, o Carlos improvisou uma tala perfeita. O médico disse que era trabalho de profissional.

Nós escutávamos, enlevados, Jaci soluçando de vez em quando. Mas subitamente Geraldo se interrompeu; e, quando recomeçou a falar, estava inquieto:

— É melhor eu ir direto ao assunto, Cármen. Eu vim aqui para conhecer vocês, mas não só para isso. Tenho uma missão. É uma missão difícil...

Mexeu-se na cadeira. Estava visivelmente perturbado. Nós o olhávamos, em silêncio.

Ele se voltou para mamãe:

— Escute, Cármen, será que não podíamos conversar em particular?

— Pode falar na frente de meus filhos — disse mamãe. — Eu não tenho segredos para eles.

— Veja bem, Cármen, é uma coisa meio embaraçosa... Eu não sei...

— Fale — disse mamãe, que àquela altura também já estava nervosa. — Pode falar. Diga o que o trouxe aqui.

— Muito bem. — Ele respirou fundo. — É o seguinte, Cármen: o Carlos... ele... bem... o Carlos tem um filho, Cármen. Tem um filho na Amazônia.

Preciso dizer que foi um choque? Foi um choque. Um choque para nós, e, pior, um choque para mamãe. Era aquele o segredo que papai queria nos revelar antes de morrer.

— Um filho — repetiu mamãe, num tom que evidenciava a sua incredulidade, o seu magoado assombro.

— É. Um filho. Um garoto de catorze anos.

Catorze anos? Isso significava que o garoto nascera antes mesmo que papai casasse com mamãe. Foi o que Geraldo Costa explicou:

— Quando o Carlos começou a trabalhar na Amazônia, conheceu uma índia muito bonita, muito inteligente. Apaixonaram-se, decidiram casar. O que, vocês podem imaginar, criou muitos problemas. O pessoal com quem Carlos trabalhava na época era contra. O pai da índia, cacique da tribo, também não queria a filha casada com um branco. Mas Carlos e a moça resolveram enfrentar todos os obstáculos. Casaram, e um ano depois nasceu o garoto. Uma alegria... e uma desgraça: a mãe morreu, de complicações no parto. Carlos sofreu muito. Achou que sua vida estava destruída, que ficaria sozinho para sempre. Mas então veio aqui para o Sul e conheceu você, Cármen. Pelo que sei, foi amor à primeira vista...

— Foi — murmurou mamãe. — Casamos seis meses depois de nosso primeiro encontro.

E acrescentou, num tom de profunda mágoa:

— Mas Carlos não me contou que tinha um filho. Poderia ter feito isso. Seria filho meu, também...

— Não duvido. Mas o fato é que, por alguma razão, ele não contou. Decidiu

criar o filho na Amazônia, com o auxílio de uma velha índia, que tomava conta do menino quando ele viajava. Essa índia morreu também. O garoto está sozinho lá na aldeia. Até fome o coitado está passando: os parentes não querem saber dele. Resolvi vir para cá e pedir a vocês que o aceitem.

Tirou do bolso a carteira, extraiu dali uma foto:

— Aqui está ele.

Segurava a foto diante de nós. Num impulso, apanhei-a. E ali estava o nosso meio-irmão. Um índio. Vestia camiseta e bermuda, como nós, mas sua aparência era de índio, os cabelos pretos, escorridos, os olhos oblíquos. Tinha alguns traços de papai, mas era bem diferente de nós. Sem uma palavra, passei a foto para mamãe, que a olhou em silêncio e a estendeu a Poti.

— Como é o nome dele? — perguntei.

— Carlinhos.

Carlinhos: era curioso, aquilo. Nós tínhamos nomes indígenas. Mas "o outro" tinha o mesmo nome de papai. Geraldo, que era um homem sensível, deu-se conta de nosso embaraço:

— Foi a mãe dele que fez questão desse nome. "Se nascer um menino", dizia, "quero que se chame Carlinhos." Era uma espécie de homenagem...

De novo, o silêncio.

— Acho que temos de dar uma resposta — disse mamãe.

— Se você quiser que eu volte amanhã, ou outro dia — apressou-se a dizer Geraldo —, não tem problema. Sei que é uma decisão difícil, pode tomar tempo...

— Não. Nós temos de decidir agora. Só vou lhe pedir que aguarde aqui. — E para nós:

— Vamos, gente, vamos até o meu quarto.

Entramos, ela fechou a porta. Jaci começou a chorar baixinho. Poti abraçou-a, sem dizer nada. Mas estava visivelmente amargurado.

Devia estar se sentindo traído: o homem a quem sempre admirara pela franqueza, pela honestidade, tinha um segredo. Já mamãe recuperara o autocontrole. Estávamos diante de uma situação angustiante, mas uma decisão precisava ser tomada:

— Então, meus filhos, o que vamos fazer?

Poti não disse nada, nem era necessário: claramente, não queria o tal de Carlinhos em nossa casa. Eu também estava chocado com aquela história, mas de outra forma: a verdade é que a foto me comovera. Ali estava um garoto que eu nunca tinha visto, que vivia longe, que falava diferente, comia diferente, mas com quem eu tinha algo em comum: afinal ele era, como eu, filho do falecido Carlos. Não tive coragem, porém, de revelar o que estava pensando — por causa do Poti, claro. Optei por deixar a decisão a cargo de mamãe:

— A última palavra é sua. O que você decidir, eu aceito.

— Pois eu já decidi — disse ela. — Vamos trazer o Carlinhos para cá.

Poti pôs-se de pé, a fisionomia alterada.

— Eu não concordo com isso — disse, numa voz estrangulada de emoção.

— Eu sei que você não concorda — respondeu mamãe, num tom que conjugava firmeza e doçura. — Entendo muito bem suas razões. Mas acredite, meu filho, há momentos em que a gente precisa se superar. Há momentos em que temos de ser generosos. Você ouviu o que o Geraldo disse: o rapaz está lá, abandonado, ninguém cuida dele. Se seu pai estivesse vivo, não permitiria que uma coisa dessas acontecesse, nem com o filho dele, nem com o filho de quem quer que fosse. Acho que devemos isso à memória do Carlos. E acho que para nós também será bom.

Quanto a essa última parte, eu tinha minhas dúvidas. A vinda do Carlinhos significaria uma série de problemas. Para começar, havia uma questão simples: onde ele iria dormir? O apartamento era pequeno. Poti e eu ocupávamos um quarto, Jaci, outro, mamãe, o quarto do casal. Mas mamãe já estava pensando nesses detalhes:

— Jaci pode vir para o meu quarto por uns tempos, o Carlinhos fica no quarto dela. Mais adiante a gente vê. Quem sabe nos mudamos para um lugar maior, este apartamento já está pequeno mesmo.

Não pude deixar de admirar mamãe: ela conseguira simplificar o que poderia ter sido uma longa, e muito dolorosa, discussão.

Jaci, surpreendentemente, mostrava-se animada:

— Ele pode nos ensinar a língua dos índios — disse, com o que tivemos de sorrir, até mesmo Poti, que continuava obviamente contrariado.

Voltamos para a sala, onde Geraldo aguardava:

— E então?

— Já resolvemos — disse mamãe. — O Carlinhos vai morar conosco.

O rosto dele se abriu num sorriso:

— Graças a Deus, Cármen. Graças a Deus. Tenho certeza de que o Carlos ficaria feliz com essa decisão de vocês.

— E agora? — perguntei. — Como é que a gente faz para trazer o Carlinhos para cá?

— Tomei a liberdade de providenciar a respeito disso — respondeu Geraldo. — Eu imaginei que vocês o aceitariam, então fui em frente: consegui, com uns amigos, uma passagem de avião. Ele pode estar aqui já no fim desta semana.

No fim da semana: estremeci. Era quarta-feira. Em poucos dias, uma nova vida iria se iniciar para todos nós, uma vida cheia de interrogações. E mal tínhamos nos recuperado do golpe que fora a perda de papai... Mas a decisão de mamãe era para valer: Geraldo já estava lhe dando o cartão, com o número de telefone e outras informações. Parecia muito aliviado: pelo jeito, cumprira sua missão. Mas não estava apenas se livrando de um problema.

— Se precisarem de mim — disse, e era sincero o seu tom —, estou à disposição. O Carlos era meu amigo, continuo fiel à memória dele. Sinto-me, de alguma maneira, responsável pelo Carlinhos. E por vocês também, claro.

Estava voltando no dia seguinte para a Amazônia. Telefonaria de lá, dando o número do vôo em que Carlinhos viria. Despediu-se e foi embora.

Ficamos ali na sala, de pé, em silêncio, Jaci abraçada a mamãe. Alguém tinha de falar. Tomei a iniciativa:

— Você está certa, mamãe. Isto será bom para todos nós, tenho certeza.

Ela sorriu, triste. Era uma lutadora. De família pobre, começara a trabalhar bem cedo — nem pudera concluir os estudos, coisa que lhe fazia muita falta e que ela compensava com a leitura: às vezes ficava horas e horas absorvida num livro. Um hábito que tanto Poti como eu havíamos incorporado.

Sempre admirei mamãe, mas naquele dia admirei-a mais do que nunca. A notícia trazida pelo Geraldo fora um golpe — um golpe devastador. Durante anos mamãe convivera com um homem, um homem bom, generoso, sincero, um homem a quem amava. E de repente descobria que aquele homem lhe ocultara alguma coisa. Por que ocultara, era uma questão para a qual jamais teríamos resposta: talvez papai

quisesse poupar sua mulher e seus filhos de uma revelação que seria dolorosa, para dizer o mínimo. De qualquer modo, mamãe dera a volta por cima. Aceitar o filho de papai mostrava que ela era uma grande mulher. Eu temia, porém, que o esforço fosse demasiado para ela: mesmo uma mulher heróica, valorosa, tem seus limites.

Foi o que disse naquela noite a Poti, quando já estávamos deitados. Era um costume nosso, conversar antes de dormir. Mas Poti, em geral falador, mantinha-se em silêncio. E eu sabia a razão disso. Ele estava com raiva. Não: estava furioso. Agora não havia dúvida de que se sentia traído. Coisa que de imediato percebi — e que me deixou apreensivo. Nós teríamos um problemão se Poti não aceitasse a presença do Carlinhos em nossa casa. Um problemão que tratei de evitar, ponderando:

— O cara é nosso irmão, Poti...

— Meio-irmão.

— Que seja. Mas temos uma coisa em comum com ele. Afinal, o cara...

Não concluí. Poti saltou da cama, acendeu a luz. Estava absolutamente transtornado, pálido, os olhos arregalados:

— Eu não tenho nada a ver com esse índio, ouviu, Cauê? Nada! E se você pensa diferente, vai ter de escolher: ou ele ou eu.

Começou a chorar. Abracei-o. Pobre Poti, estava sofrendo demais. Talvez por ser o mais velho, sentia-se uma espécie de sucessor de papai, e responsável pelo que viesse a acontecer. Como mamãe, também estava sob uma tensão insuportável.

Acalmei-o como pude, levei-o de volta para a cama. E fiquei conversando com ele, lembrando passagens de nossa infância, até que ele adormeceu.

— 3 —

Acordei no dia seguinte com uma sensação estranha — a sensação de que estava entre a realidade e o sonho. Teria vindo mesmo a nossa casa um sujeito chamado Geraldo, anunciando que meu pai tinha um filho na Amazônia? Estaria esse garoto prestes a chegar? Levantei-me, lavei-me, e, quando entrei na cozinha, onde

tomávamos o café-da-manhã, tive certeza de que não havia sonhado. Estavam todos ali, mamãe, Poti e Jaci — todos quietos, o olhar perdido, o que era uma absoluta novidade: nós sempre batíamos papo na mesa do café. Alguma coisa mudara. E, para confirmá-lo, logo depois que sentei, o telefone tocou. Minha mãe atendeu:

— Sim, Geraldo, sou eu mesma... Sim... Tudo bem... Espere um pouco, vou anotar... Muito bem. Agradeço muito, Geraldo. Você foi fora de série.

Nós a olhávamos. Ela pousou o fone e voltou-se para nós:

— Ele chega no sábado. Já tenho o número do vôo e o horário.

Estávamos na quinta-feira. Ou seja, o momento decisivo se aproximava. Olhei para Poti, e ele estava com a cara fechada, claro. Jaci, pelo contrário, parecia animada. Quanto a mamãe, já tinha tirado a louça da mesa e a lavava: não podia se dar ao luxo de ficar ruminando idéias. Ou então pensava enquanto lavava os pratos, como muitas vezes fazem as donas de casa. Tentei criar um clima mais alegre: propus que, naquele sábado mesmo, saíssemos para jantar fora com o recém-chegado. Era uma coisa que só fazíamos muito raramente — depois da morte de papai, tivemos de apertar o cinto —, mas a vinda do Carlinhos decerto o justificava. Poti obviamente não gostou da proposta, mas não disse nada. Já mamãe achava que deveríamos ir mais devagar:

— Mesmo porque de lá até aqui é uma longa viagem, talvez o garoto chegue cansado.

Vamos deixar para decidir no sábado mesmo.

Olhou o relógio: estava atrasada, tinha de sair. Nós também. Estudávamos no mesmo colégio, o Poti, a Jaci e eu, o que simplificava bastante a nossa vida. Era perto, e íamos a pé, Poti e eu conversando, Jaci saltitando e cantando. Mas, como na noite anterior, Poti agora mantinha-se em silêncio, apesar de todas as minhas tentativas de iniciar uma conversa. O que, de novo, era um mau sinal. E aí ele lembrou algo:

— O cara tem catorze anos, não é?

— Parece que sim. Por quê, Poti?

— Porque, se ele tem essa idade, e freqüenta colégio, sem dúvida a mamãe vai querer matriculá-lo na nossa escola.

A mim aquilo parecia lógico. A Poti, não.

Evidentemente queria distância do nosso meio-irmão. E não havia nada que eu pudesse fazer para mudar essa atitude.

Sexta-feira era feriado. Mamãe passou boa parte do dia tomando providências para a chegada do Carlinhos. Mudou as coisas de Jaci para o seu quarto, pendurou uns balões pelo apartamento, fez vários cartazes com a inscrição "Bem-vindo", preparou sobremesas... Mas fazia tudo com grande esforço, via-se. De vez em quando, enxugava disfarçadamente os olhos. Jaci, pelo contrário, estava excitadíssima: para ela, aquilo era uma festa. Poti ficou o dia inteiro no quarto, pretextando dor de cabeça. Eu tratei de suprir sua falta, ajudando mamãe no que me era possível.

No dia seguinte acordamos cedo e nos preparamos para ir ao aeroporto. Mamãe, que não dirigia — tinha até vendido o carro que papai nos deixara —, chamou um táxi. Já estávamos embarcando quando de repente Poti, parado na calçada, disse:

— Eu não vou.

Aquilo me deixou assombrado — e furioso:

— Como, não vai? Vai, sim! Chega de bobagem, Poti, entre no carro!

Ele me olhou, olhou para mamãe — e era impressionante a expressão de angústia em seu rosto. Eu nunca o vira assim, nem mesmo durante a doença de papai.

— Não, gente, eu não posso ir. É mais forte do que eu, entendem?

Disse isso e voltou correndo para o prédio. Eu ia atrás dele, mamãe me deteve:

— Deixe, Cauê. O Poti precisa de um tempo... Vamos dar esse tempo a ele.

Fizemos o trajeto em silêncio. Quando o carro entrou no aeroporto, senti um aperto no coração — sempre íamos lá para esperar papai.

O avião, que estava atrasado, finalmente chegou. Os passageiros começaram a sair — e nada do tal Carlinhos. Eu já estava inquieto: o que acontecera? Teria o garoto perdido o vôo? Ou teria, como Poti, se recusado a embarcar, desistindo de encontrar a sua nova família? A sala de desembarque esvaziou-se, e ele não aparecia.

— Vamos ao balcão da companhia pedir informações — disse mamãe.

Antes que o fizéssemos, ele surgiu.

Ali estava, sozinho, um típico garoto índio: cabelos pretos, olhos escuros, pele cor de bronze. Pequeno, magrinho, parecia ter bem menos de catorze anos. Vestia uma velha camiseta, calças jeans desbotadas, e calçava uns maltratados tênis. Na mão, uma sacola plástica que continha, como logo descobriríamos, todos os seus pertences — algumas roupas, pente, escova de dentes, um rádio de pilha — e a foto de papai com a mãe dele, num porta-retratos. Tomei a iniciativa, fui ao seu encontro:

— Você é o Carlinhos?

O olhar que me dirigiu era um misto de espanto, temor e — mas isso era curioso, tão curioso quanto comovente — esperança.

— Você é o Poti? — perguntou, numa voz balbuciante, e com um forte sotaque: evidentemente, português não era o idioma que ele falava sempre.

— Não, eu sou o Cauê. Vamos, mamãe e Jaci estão esperando.

Mamãe não vacilou: quaisquer que fossem os problemas que tinha com o Carlinhos, tratou de vencê-los, e abraçou-o efusivamente. Jaci estava encantada:

— Você é índio, Carlinhos? Índio de verdade?

— Sou índio, sim — foi a tímida resposta.

— Mas você não come gente, come?

— Que é isso, Jaci — comecei a dizer, mas Carlinhos, surpreendentemente, optou por sorrir um sorriso constrangido.

— Não, Jaci — falou. — Essa história de índio comer gente acabou há muito tempo.

— E você sabe cantar música de índio?

— Chega de perguntas — disse mamãe. — A gente vai ter bastante tempo para conversar, depois. Agora vamos comer alguma coisa.

Levou-nos à lanchonete do aeroporto. O que era, claro, uma coisa sábia: queria que o garoto fosse se acostumando, aos poucos, com a nova realidade. Sentamos, ela puxou conversa:

— Então, Carlinhos, como foi a viagem? É a primeira vez que anda de avião?

— Não. Não é a primeira vez. Quando meu pai estava vivo...

Deu-se conta do embaraço que aquela expressão podia representar — o "meu pai" dele era também "o pai de vocês" — e calou-se. Minha mãe apressou-se a intervir:

— Diga: quando o Carlos estava vivo, ele levou você para andar de avião?

— Sim. Num avião pequeno... Duas vezes. Uma vez nós fomos até Manaus.

— E que tal é Manaus? — Eu também me esforçava por manter a conversação.

— É uma cidade muito grande. Fiquei assustado. Só conhecia nossa aldeia...

— Você está cansado? — perguntou mamãe.

— Quer ir para casa descansar?

— Acho que sim — disse ele.

Durante o trajeto da volta, pouco falou.

Mas sorria para Jaci, que o olhava enlevada e que lá pelas tantas afirmou:

— Eu agora vou ser a mais importante da classe: a única que tem um irmão índio.

Quando chegamos, mamãe perguntou a Carlinhos o que achava do apartamento.

— É muito bonito. Muito bonito mesmo.

Eu lhe servi de guia. Mostrei-lhe a cozinha — ficou impressionado com o forno de microondas, quis ver como funcionava —, mostrei-lhe a sala, mas não pude lhe mostrar o meu quarto: Poti chaveara a porta por dentro. Obviamente, Carlinhos percebeu que alguma coisa estava acontecendo, mas nada perguntou. Eu é que me apressei a dar uma explicação, inventada na hora:

— O Poti está um pouco adoentado. Mas não é nada sério, uma dor de cabeça. Daqui a pouco ele melhora e vem ver você.

Jaci pegou-o pela mão:

— Vamos, Carlinhos, vou mostrar o seu quarto. Para dizer a verdade, era meu. Mas eu dou o meu quarto para você. Porque eu gosto muito de você, sabia?

Ele sorriu de novo, e eu fiquei contente — ainda que preocupado com o Poti. Ajudei Carlinhos a guardar suas poucas coisas (iria precisar de roupas — teríamos de providenciar), e em seguida ele se deitou.

Fui ver mamãe. Ali estava ela, sentada numa poltrona da sala, a foto de papai na mão, chorando. Ao me ver, enxugou os olhos, tentou aparentar despreocupação.

— Você acha o Carlinhos parecido com o papai? — perguntou.

Não respondi. Na verdade, não era uma resposta, o que ela queria; queria que eu a abraçasse, e foi o que fiz. Ali ficamos, abraçados, ela repetindo baixinho:

— Você é um bom filho, Cauê, um bom filho.

— Falando em bom filho — eu disse —, vou lá conversar com o Poti.

Fui até o quarto, bati à porta:

— Abra, Poti, sou eu.

Nada. Insisti:

— Poti, abra, quero falar com você.

Finalmente ele abriu a porta. E estava, como era de esperar, com os olhos vermelhos de tanto que chorara.

— Desculpe, Cauê — murmurou. — Eu sei que fiz bobagem, mas, acredite, foi mais forte do que eu.

— Tudo bem, mano. É difícil, vamos reconhecer. Mais difícil para você, menos difícil para mim... mas é difícil. Agora: temos de ir em frente, concorda?

— Concordo — suspirou. — Chegou, o tal de Carlinhos?

— Chegou. Está dormindo. Mas depois você vai falar com ele, não vai? Faça isso, Poti. Faça isso pelo papai. E faça isso pela mamãe também. Promete?

Ele sorriu, triste:

— Está bom, mano, prometo.

E cumpriu: quando Carlinhos emergiu do quarto, lá pelas seis da tarde, Poti estava conosco, à espera do garoto. Que de imediato se dirigiu a ele:

— Você é o Poti, não é? Nosso pai falava tanto em você... E eu sempre achei tão bonito o seu nome. Eu queria ter um nome parecido: Peri. Por causa do livro... “O guarani”, do José de Alencar. Aquele personagem, o Peri, é fantástico.

— Você gosta de ler? — perguntou mamãe.

— Muito — disse ele. — Na aldeia, eu lia tudo o que podia, tudo o que papai trazia para mim, tudo o que o Geraldo me emprestava... Lia bastante.

— Então você está no lugar certo — disse mamãe, em tom de brincadeira.

— Livro é coisa que não falta aqui em casa.

— Você está no colégio? — perguntou Poti, e eu já sabia a razão da pergunta.

— Atualmente não. Mas até o ano passado eu ia à escola, uma escola pública bem pequena. Ficava numa cidadezinha a uns dez quilômetros de nossa aldeia.

— Dez quilômetros? — mamãe, espantada.

— E como é que você chegava lá?

— De canoa. Todos os dias descia o rio.

— Você tem uma canoa? — Jaci, alvoroçada. — Você me leva para passear?

Rimos, todos, e isso era bom: ajudava a desanuviar o ambiente. Para minha surpresa, Poti mostrava-se agora amistoso: também fez algumas perguntas sobre a vida dos índios na aldeia, sobre a selva e seus animais. Comentou:

— Deve ser meio assustador, viver no meio do mato...

— Não, eu adorava o mato — retrucou Carlinhos. — Eu me sentia bem, eu conhecia todas as árvores, todos os arbustos. Eu reconhecia cada pássaro pelo canto.

— Você nunca se perdeu lá?

— Nunca — foi a resposta, dada com certo orgulho. — Eu poderia me orientar na selva até de olhos fechados, Poti: os cheiros seriam suficientes para me guiar. Era o meu lar, aquele. Eu estranho a cidade; o mato, não estranhei nunca.

Carlinhos agora parecia estar mais à vontade, expressava-se com desembaraço; o sotaque não atrapalhava, ao contrário, dava certa graça à sua fala.

Conversamos até as dez e pouco. Mamãe propôs que no dia seguinte, domingo, levássemos Carlinhos para conhecer a cidade:

— Poderíamos dar uma volta de bicicleta. Você anda de bicicleta?

— Sim. Não estou muito acostumado, mas ando...

— Ótimo. Arranjamos uma bicicleta para você e vamos todos. Mas para isso é bom a gente ir dormir. Amanhã vai ser um dia movimentado.

Carlinhos despediu-se de nós e foi para o quarto. Jaci também foi se deitar. Mamãe pegou o seu livro, Poti e eu nos acomodamos na frente da tevê: estavam

mostrando um documentário que meu professor de história tinha recomendado. Era de fato um documentário muito bom, sobre as viagens marítimas, e nós estávamos ali, entretidos, quando de repente ouvimos um grito abafado.

Olhamo-nos, assustados.

— É o Carlinhos — disse mamãe.

Corremos até o quarto. A porta estava aberta. Entramos, acendi a luz, e ali estava o garoto, sentado na cama, os olhos esbugalhados, completamente fora de si — nem sequer percebia nossa presença. E falava sem parar — palavras indígenas, que não entendíamos. Sacudindo-o, consegui acordá-lo:

— Que foi, Carlinhos? Que foi?

— Não sei — murmurou ele. — Um sonho, acho. Um sonho ruim.

Olhou para nós, sorriu debilmente:

— Desculpem. Mal cheguei, já estou incomodando vocês...

— Não foi incômodo — disse mamãe. — Essas coisas acontecem. Quer tomar alguma coisa, um chá?

— Não, obrigado. Estou bem. — Deitou-se de novo. — Vou ver se durmo.

Sorriu, como quem se desculpa:

— Não vou mais fazer escândalo. Boa noite, gente.

Voltamos para a sala.

— Pobre garoto — suspirou mamãe. — Não é fácil para ele. Nós perdemos o Carlos, e foi uma tragédia. Ele perdeu a mãe, o pai, foi rejeitado pelos parentes, teve de deixar sua aldeia... Não é fácil. Precisamos ajudá-lo, meus filhos. Precisamos ajudá-lo.

Para minha surpresa, Poti concordou:

— É isso aí. Precisamos ajudá-lo.

Hesitou, e acrescentou logo em seguida:

— Eu sei que hoje de manhã fiz um papelão. Fui grosseiro, com ele e com vocês. Mas agora estou me dando conta disso, e prometo que aquela cena não vai se repetir.

No dia seguinte, conforme combinado, fomos passear de bicicleta. Cada um de nós tinha a sua, guardada na garagem; para o Carlinhos, tivemos de pedir emprestada a velha bicicleta de uma vizinha, dona Arminda, uma mulher muito curiosa, abelhuda mesmo.

Enquanto Poti examinava a bicicleta para ver se estava tudo bem, ela me puxou para um lado:

— Quem é o bugrinho, Cauê?

Hesitei. Incomodou-me muito o uso daquela expressão. A primeira coisa que me ocorreu foi inventar uma história qualquer. Mas depois resolvi que não adiantaria mentir. O melhor era dizer a verdade — e logo:

— É meu irmão, dona Arminda. Meu meio-irmão.

Ela abriu a boca, surpresa — tão surpresa que até trocou meu nome:

— Não diga, Poti! É seu meio-irmão, Poti? Filho do Carlos?

— É. E eu não sou o Poti. Sou o Cauê.

— Desculpe, Cauê. — Ela não conseguia acreditar no que tinha ouvido. — Então o seu pai tinha um filho... Deus, quem diria! Bem, mas isso acontece, não é mesmo? O homem estava lá na Amazônia, sozinho, no meio das índias...

Aquilo era inconveniente, para dizer o mínimo. Resolvi cortar a conversa:

— Desculpe, dona Arminda, mas tenho de ir. Olhe ali, o pessoal já está saindo...

Mas, agora que tinha provado aquele prato delicioso — uma fofoca que logo passaria aos outros vizinhos —, ela não me deixaria ir assim tão facilmente:

— Só me diga mais uma coisa: ele está visitando vocês?

— Não. Ele vai morar aqui.

— Aqui no prédio?

Se estivéssemos falando de um marciano, o seu assombro não seria maior.

— É, dona Arminda. O Carlinhos faz parte de nossa família, vai morar no nosso apartamento. Muito obrigado pela bicicleta, e até depois.

E fui embora. Na rua, Poti estava treinando o Carlos. O garoto não tinha muita prática com bicicletas, parecia inseguro.

Depois do segundo tombo, contudo, conseguiu pegar o jeito, e assim

seguimos para o parque, perto de casa.

Era um parque bastante bonito, e conhecíamos muitos dos freqüentadores. Que olhavam para Carlinhos com curiosidade, com estranheza até. Tipos indiáticos não são muito comuns em nossa cidade. Carlinhos, para nossa surpresa, não se mostrava embaraçado: ao contrário, parecia contente de estar ali conosco. Ele e Jaci pedalavam lado a lado, às vezes apostando corrida.

Fomos até o centro da cidade, fomos ao cais.

Às seis horas voltamos para casa — exaustos e felizes. Poti agora se sentia aliviado: aparentemente, tinha superado o seu problema com o garoto.

— Não posso dizer que estou acostumado com ele — confidenciou-me —, mas já não me sinto estranho na sua companhia.

No dia seguinte, segunda-feira, Poti, Jaci e eu fomos para o colégio. Por incrível que pareça — afinal a cidade não é tão pequena assim —, um monte de gente já sabia do Carlinhos. E queria vê-lo: um garoto índio, vindo diretamente de uma aldeia da Amazônia, aquilo era novidade. Mas Poti e eu não dávamos trela para o pessoal.

Carlinhos, porém, não poderia ficar em casa o tempo todo. Naquela noite conversamos sobre o assunto.

— Acho que você deve continuar os estudos — disse mamãe. — E você, Carlinhos, o que acha?

Ele vacilou:

— Não sei... Será que o pessoal vai me receber bem?

Seu receio era compreensível. Mas a verdade é que a escola poderia facilitar sua adaptação à nova vida. E ele próprio dissera que gostava de estudar. Insisti:

— Você vai gostar, Carlinhos, tenho certeza. O pessoal do colégio é muito legal.

Eu estava partindo do princípio de que ele seria nosso colega, mas isso era uma coisa que ainda tinha de ser vista. Mamãe foi falar com a diretora, que se prontificou a ajudar no que fosse necessário. O momento era bom: o ano letivo acabara de se iniciar.

Examinaram os papéis que Carlinhos trouxera. Concluíram que o garoto estava um pouco atrasado nos estudos mas que poderiam aceitá-lo — na mesma

série que eu freqüentava. O que deixou mamãe muito satisfeita:

— Assim você vai poder cuidar dele.

Carlinhos ficou muito contente. E, quando fomos comprar o material escolar, chegou ao auge do entusiasmo: folheava os livros com uma deliciada reverência. Mamãe deu-lhe de presente uma mochila, que ele carregava com orgulho.

Por fim chegou o grande dia, o dia em que ele começaria a freqüentar a escola. Fomos todos juntos para o colégio. Entramos na sala de aula, arranjei-lhe um lugar a meu lado. Meus colegas o fitavam, curiosos. No intervalo, rodearam-no, crivando-o de perguntas. Queriam saber se falava a língua dos índios, se já vira um boto, se tinha arco e flechas... Queriam saber tudo.

Felizmente, o garoto parecia estar bem à vontade no meio da turma; chegou até, e por iniciativa própria, a cantar uma música indígena. Quando terminou, foi muito aplaudido. Aparentemente havia sido bem-aceito. Com o que Poti e eu respiramos aliviados.

Os dias passavam, e Carlinhos foi se adaptando muito bem à escola; os professores eram unânimes em elogiar a sua inteligência, a sua dedicação. Em casa, ajudava no que podia e sempre com boa vontade. Jaci estava cada vez mais encantada com ele; recusava-se a dormir sem que Carlinhos lhe contasse uma lenda indígena. E ele sabia muitas lendas, muitas histórias. Para dizer a verdade, nós também gostávamos de ouvi-las.

— Contar histórias — dizia Carlinhos — faz parte de nossa tradição. Antigamente, a tribo sentava em roda, e os velhos contavam aos curumins, os garotos, lendas que explicavam os segredos do mato, dos rios, como surgiu a mandioca, como foi inventado o arco. A propósito, Jaci, você sabe como surgiu a noite? Foi assim: no princípio, tudo era dia. O sol nunca desaparecia; a noite ainda estava no fundo das águas. Havia uma criatura muito poderosa, chamada Cobra-Grande, cuja filha estava apaixonada por um rapaz muito bonito. A moça era muito tímida, e só queria namorar quando anoitecesse. "Mas não existe noite", dizia o rapaz. "Existe, sim", respondia ela. "A Cobra-Grande guardou a noite dentro de um caroço de tucumã."

— O que é tucumã? — perguntei.

— É uma espécie de coquinho da Amazônia.

"Se você quiser me namorar", disse a moça, "mande buscar a noite, que está dentro do tucumã." O rapaz mandou três emissários buscarem o coco. A Cobra-Grande entregou o tucumã, recomendando que eles não o abrissem. Mas os empregados eram curiosos: quebraram o tucumã. A noite escapou dali, tudo escureceu. E surgiram os animais, que não existiam antes. As canoas viraram grandes peixes. Um cesto de vime transformou-se em onça. Mas finalmente o rapaz e a moça podiam namorar...

— Conte outra — pedia Jaci.

Carlinhos contava a história da vitória-régia:

— Você sabe o que é vitória-régia? É uma planta da Amazônia, uma planta aquática, com uma única folha redonda, muito grande, que fica boiando nos lagos e nos rios, e dá uma bela flor. E você sabe como apareceu a vitória-régia? Pois foi assim: havia uma vez uma índia muito bonita. Ela ouviu de seu pai a história de que vivia na Lua um lindo guerreiro. A índia se apaixonou por esse guerreiro e todas as noites ia olhar a Lua, tentando descobrir nela o rosto de seu amado. O pai se inquietava, queria que a filha casasse com algum jovem índio, mas ela só pensava no guerreiro. Então, uma noite, ela viu a Lua refletida nas águas de um lago que havia perto da aldeia e pensou: "Ali está o meu amado, banhando-se na água". E atirou-se no lago para encontrá-lo. Nadou, nadou, até que perdeu as forças e acabou se afogando. Então a Lua ficou com pena da pobre moça e transformou-a na vitória-régia, cuja bela flor só se abre à noite. Agora: você sabe como é o nome da Lua, na linguagem dos índios? É Jaci, como o seu.

Jaci vibrava. Mas a história de que ela mais gostava era a do uirapuru. Carlinhos não se fazia de rogado e contava:

— Era uma vez duas índias. As duas estavam apaixonadas pelo mesmo homem, o cacique da tribo, um homem forte, muito bonito. O cacique escolheu uma delas. A outra ficou tão desconsolada, e chorou tanto, que Tupã teve pena e a transformou num pássaro, o uirapuru: assim ela poderia ver o seu amado sem que ninguém percebesse.

Mas isso não serviu de consolo para a coitadinha. Ela não queria ficar perto da aldeia, achava que assim atrapalharia a felicidade do casal. Então fugiu para a floresta. Tupã ficou tão encantado com esse gesto que resolveu recompensá-la: "O

seu canto vai ser o mais bonito da floresta", disse. É por isso que, quando o uirapuru canta, todos os pássaros, todos os bichos ficam em silêncio, ouvindo aquele canto maravilhoso.

— Você — dizia Jaci — é o meu uirapuru.

Ela adorava ouvir aquelas narrativas, e eu sabia por quê: lembravam-lhe as histórias que papai lhe contava todas as noites. Suas amigas, quase todas moradoras do prédio, pediam para vir escutar as histórias de Carlinhos. Aliás, não só as crianças: os adultos também. Um deles era produtor de uma rádio e convidou o garoto para um programa especial, no Dia do Índio. Ele não queria ir, nunca tinha falado num microfone, temia dar vexame. Mas nós insistimos, e ele acabou aceitando.

No dia 19 de abril, às nove da manhã, lá estávamos nós, ouvido grudado no rádio. O apresentador começou dizendo que aquele programa contava com um convidado especial:

— É o Carlos Silvestre Filho. E esse nome lembra, claro, o de Carlos Silvestre, o grande indigenista nascido em nossa cidade e falecido no ano passado. Pois o Carlos Silvestre Filho, Carlinhos, como é mais conhecido, vem da região onde seu pai trabalhou, a Amazônia. E ele está aqui para nos falar sobre os índios...

Fez perguntas sobre lendas e costumes indígenas, e o garoto respondia a todas com muita segurança. Carlinhos contou sobre o Curupira, a criatura de cabelos vermelhos, dentes verdes e pés virados para trás que anda pelas trilhas da floresta gritando e desnorteando os humanos. Contou sobre a Uiara, a sereia do Amazonas, que seduz os homens com sua beleza; contou sobre o peludo Caapora; contou a lenda do uirapuru...

O apresentador, encantado, fazia uma pergunta atrás da outra. Lá pelas tantas indagou se os índios eram felizes. Carlinhos hesitou um pouco, antes de responder:

— Não, os índios que eu conheço não são felizes. É gente pobre, gente doente, gente abandonada...

E durante uns bons cinco minutos falou sobre o drama dos índios brasileiros:

— Graças aos índios, os colonizadores ficaram conhecendo o milho, a batata-doce, a abóbora, o caju, o abacaxi, o maracujá, o cacau, a borracha, plantas

medicinais. Mas os colonizadores escravizaram os índios, transmitiram-lhes doenças... milhões morreram. As pessoas precisam saber dessas coisas...

Nós estávamos impressionados. Sobretudo porque a emoção com que ele abordava o assunto se transmitia através do microfone, por assim dizer. O apresentador pediu que, para finalizar, Carlinhos cantasse uma canção indígena, o que ele fez, na sua vozinha fraca mas muito melodiosa.

— Mas você é um verdadeiro uirapuru — disse o homem, maravilhado. E encerrou com um comentário: — Este programa está completando dez anos, e nunca recebemos tantos telefonemas como hoje. Telefonemas de ouvintes que nos cumprimentam por termos convidado o Carlinhos.

Enfim: Carlinhos estava bem menos tímido e assustado do que quando desembarcara no aeroporto. Mudara — e nós havíamos mudado com ele. Para melhor, claro. Poti agora me dizia:

— É como se ele tivesse vivido sempre conosco. Para mim ele é um irmão de verdade.

E era mesmo. Logo estávamos falando sobre um assunto que até então se revelara muito delicado: papai. E ficou claro que o pai de Carlinhos era o mesmo que nós tínhamos conhecido, um homem bom, alegre. Que enfrentara muitos problemas:

— Desde muito pequeno, descobri que eu era diferente. Os brancos me consideravam índio, os índios achavam que eu era branco.

Vocês acreditam que meu avô só me viu pela primeira vez quando eu tinha três anos? E mesmo assim me olhava desconfiado. "Você não parece um dos nossos", repetia a todo instante.

— E você e papai conversavam sobre nós?

— Claro que sim. Papai nunca se negou a falar sobre a família; até me mostrava fotos de vocês. Eu olhava e achava gozado: esses aí são filhos do meu pai, são meus meios-irmãos... será que um dia vou encontrá-los? Eu achava que não, que nunca sairia da aldeia onde morava e que vocês nunca viriam para a Amazônia. Mas inventei uma porção de histórias...

— Histórias?

— É. Imaginava vocês chegando à Amazônia.

Eu seria o seu guia, eu lhes mostraria a selva, o rio... E de repente vocês

eram atacados por um jacaré, e eu salvava vocês, e vocês ficavam muito agradecidos...

— E o que aconteceu quando papai morreu?

— Ah, fiquei numa situação difícil, muito difícil. Havia uma mulher que cuidava de mim, uma índia, mas ela morreu também. De gripe, acreditam? A gripe virou pneumonia, não havia antibiótico no posto de saúde, a coitada se foi. Mas então uma pessoa me ajudou muito: a Sônia, professora da escola onde eu estudava. Era mais que uma professora, era uma grande amiga. Quando fiquei sozinho, levou-me para morar em sua casa. Ela e o Geraldo estavam sempre juntos, acho até que eram namorados.

Os dois conversavam muito a meu respeito, e foi daí que veio a idéia de entrar em contato com vocês...

Essas conversas, que às vezes iam até a madrugada, nos tornaram mais próximos.

Claro, alguma coisa tinha restado do choque que sofrêramos ao saber que papai nos escondera a existência do filho nascido de um primeiro casamento. Mas isso estava ficando para trás. Para todos os efeitos, Carlinhos era nosso irmão. Um irmão diferente, decerto, mas irmão, de qualquer maneira.

Se esta história fosse um filme, agora seria o momento de terminar — com um final feliz. A câmera nos mostraria reunidos na sala do apartamento, conversando animadamente. E depois se afastaria e mostraria a cidade, os prédios iluminados, e se ouviria uma música romântica, sentimental...

Mas a vida nem sempre é como os filmes.

Coisas acontecem, coisas inesperadas, que nos perturbam, que bagunçam os nossos planos.

— 5 —

Nós pensávamos que todo mundo gostava de Carlinhos — as crianças, principalmente.

Ele estava sempre rodeado de meninos e meninas que queriam ouvir a

lenda do uirapuru. O que, aliás, deixava Jaci enciumada: estavam "roubando" a história que, achava, lhe pertencia. Mas Carlinhos a tranqüilizava:

— Para você eu conto de maneira especial.

Com o pessoal do prédio ele era muito popular. Dona Arminda tinha na sala uma foto dos dois juntos; volta e meia convidava o Carlinhos para almoçar ou jantar. Continuava chamando-o "bugrinho", mas fazia questão de dizer que se tratava de um apelido carinhoso:

— Eu adoro esse garoto.

Enfim, Carlinhos parecia uma unanimidade.

Isso emocionava mamãe: um dia ela me confidenciou que, durante algum tempo, duvidara de que pudéssemos ter uma boa convivência com o garoto.

— Eu mesma não sabia como iria reagir. A verdade é que eu estava magoada, magoada com seu pai, e tinha medo de que isso se transformasse em raiva contra o Carlinhos. Mas é impossível não gostar dele.

Mamãe, infelizmente, estava enganada.

Era possível, sim, não gostar do Carlinhos. Mais: havia gente que não gostava do Carlinhos. Em nossa escola.

Era um garoto chamado Renato, apelidado Buldogue porque estava sempre zangado, de cara amarrada. Brigava com todo mundo, e, como era muito forte, ninguém se atrevia a enfrentá-lo. Volta e meia era suspenso. E volta e meia sua mãe era chamada ao colégio.

Excelente pessoa, mulher fina, sofria com os problemas criados pelo filho. Sempre pedia à direção e aos professores que fossem tolerantes com o Renato, pois ele ficara órfão de pai muito cedo e, em criança, sofrera um acidente de carro que o marcara.

Poti e eu não gostávamos do Renato, mas fazíamos o possível para evitar um confronto, embora ele tivesse nos provocado várias vezes. Mas, com a chegada de Carlinhos, esse risco cresceu muito.

Acontece que ele estava na mesma turma que Carlinhos e eu. E desde o início deixou bem claro que não ia com a cara do "pele-vermelha": como ele o chamava. Era uma raiva gratuita, que, porém, não cessava de crescer, e foi ficando pior à medida que Carlinhos ia obtendo êxitos na escola.

Carlinhos era muito bom em redação e, por sugestão de Mariana, professora de português, começou a escrever as lendas indígenas que contava — algumas das quais, segundo Mariana, não figuravam em livro algum. Essas lendas eram depois lidas em aula, pelos alunos. Todos se candidatavam para fazer a leitura. Todos, menos Renato.

— Não sei que graça vocês acham nessas bobagens de índio — dizia, num tom de desprezo. — É só o que eles sabem fazer, contar histórias. Trabalhar, que é bom, nem pensar. Foi por isso que os brancos acabaram com eles. E fizeram muito bem.

Esses comentários me deixavam preocupado.

Eu conhecia a fama do Renato. Sabia que ele estava apenas procurando um pretexto para agredir fisicamente o Carlinhos. Que, magrinho e pequeno, não teria a menor condição de resistir ao corpulento Renato. E eu não poderia ajudá-lo. Também me faltava músculo para isso. Contei ao Poti o que estava acontecendo. Ele ficou furioso:

— Deixe comigo, Cauê. Eu dou um jeito naquele cara. Aliás, faz tempo que ele anda atormentando todo mundo. Precisa de uma lição.

No dia seguinte, foi mais cedo para o colégio. Postado na entrada, esperou por Renato. Quando este apareceu, Poti agarrou-o pela gola, encostou-o na parede, intimou:

— Escute, cara: esse negócio com o Carlinhos passou dos limites. Você vai parar com essas provocações, está ouvindo? Hein? Está ouvindo? Responda!

Mesmo corpulento, Renato não poderia enfrentar o Poti, que jogava futebol, basquete — e era muito forte. Não disse nada; limitou-se a encarar Poti com ar desafiador. Nos dias que se seguiram, deixou o Carlinhos em paz. Mas a mim ele não enganava: eu achava que estava aprontando alguma. Estava mesmo; e nisso foi, por incrível que pareça, ajudado por um comentário feito pelo professor de ciências, o Marcelo. A propósito de uma notícia sobre guerra biológica, ele disse que não se tratava de novidade:

— Guerra biológica, infelizmente, já foi feita muitas vezes, inclusive aqui no Brasil, para exterminar os índios. Para isso usaram a varíola. Essa doença, muito contagiosa, não existe mais, desapareceu com a vacinação; mas antigamente havia

epidemias terríveis de varíola. Os caras que queriam as terras indígenas deixavam nas trilhas roupas de doentes. Os índios vestiam as roupas, e, como tinham pouca defesa contra o vírus, adoeciam e morriam como moscas.

Então se deu conta de que aquela história podia perturbar Carlinhos. Dirigiu - se a ele:

— Desculpe falar essas coisas, Carlinhos, mas são acontecimentos históricos, que devem ser lembrados porque representam uma lição. Não é verdade?

Carlinhos não respondeu de imediato.

Fez-se um instante de tenso silêncio, e por fim ele disse, numa voz baixa, contida:

— É verdade. Os índios mais velhos às vezes falavam sobre isso: a varíola matou muita gente.

Nesse momento olhei para o Renato. Ao contrário de todos nós, estava absolutamente deliciado com a conversa: o sorriso em seu rosto mostrava-o. E tive certeza de que estava tramando alguma coisa. Mas o que seria? Que idéia teria lhe dado aquela história da varíola?

A campainha soou: terminava a aula, a última daquele dia. Guardei minhas coisas na mochila, o Carlinhos fez o mesmo, saímos e fomos caminhando para casa. Ele ia quieto.

Aquela história da varíola o perturbara mesmo. Quando chegamos, não quis almoçar, alegou que não tinha fome.

— Conte uma história, Uirapuru — pediu Jaci, usando o apelido que dera ao Carlinhos.

— Depois — desculpou-se ele. — Estou com muita dor de cabeça.

Trancou-se no quarto. Através da porta ouvíamos os seus soluços.

— 6 —

Vários dias se passaram. Dias relativamente tranqüilos, sem nenhuma briga.

Renato parecia ignorar o Carlinhos, o que deixava Poti muito satisfeito. Eu, porém, continuava achando que ele estava só esperando uma oportunidade para

agir. Mas agir como? Fazendo o quê?

Logo tive a resposta. Um dia o Julinho, um colega nosso, entrou na sala de aula com um papelzinho na mão:

— Olhem só o que achei no banheiro. Está cheio desses papeizinhos lá.

"Faça como a varíola — Acabe com o índio", era o que estava escrito no papel.

Como é de imaginar, a notícia logo se espalhou e provocou o maior rebuliço na escola. Poti ficou possesso:

— Isso só pode ser coisa daquele Buldogue.

Esperou-o na saída do colégio, agarrou-o, empurrou-o contra a parede, mostrou o volante:

— Foi você que fez isto?

Renato sorriu, irônico:

— Deixe de besteira, cara. Então você acha que eu sou burro? Eu seria descoberto num minuto. Não, Poti. Não fui eu que fiz isso. Fique sabendo: não sou o único que não gosta do seu mano. Muita gente acha que ele está sobrando aqui na nossa escola, que lugar de bugre é no mato.

Mesmo sem estar convencido, Poti teve de soltá-lo. Mas eu achava que Renato tinha, sim, feito os volantes. Aquela coisa de que ele não podia ser o culpado funcionava como uma grande desculpa.

Examinamos o tal papel, Poti e eu. A frase ofensiva não tinha sido escrita à mão; fora carimbada.

— A gente podia passar nas lojas que fazem carimbo — sugeriu Poti — e descobrir quem encomendou essa coisa.

O que dificilmente funcionaria. As lojas daquele tipo eram muitas, na cidade. E por certo não denunciariam, ao menos para nós, o sujeito que encomendara o carimbo.

Conversamos com mamãe. Como nós, ela ficou muito abalada com o que estava acontecendo.

Foi procurar a diretora, a professora Helena. Que também estava revoltada:

— Estou de acordo com a senhora, dona Cármen. Acho, sim, que foi o Renato. Mas não posso provar nada.

A ponderação da diretora deixou Poti por conta. De imediato ele decidiu:

— Eu vou seguir esse cara passo a passo.

Se ele entrar no banheiro, entro junto.

Fez isso, mas agora os volantes não apareciam mais no banheiro, e sim no pátio, na escada. Não seria difícil para o Renato espalhá-los; tudo o que ele tinha de fazer era meter-se no meio da massa de alunos que saía das classes para o recreio e, disfarçadamente, deixar cair os papeizinhos.

Poti deu-se conta disso, e mais uma vez foi para cima dele. Agarrou-o na saída, intimou:

— Esvazie os bolsos.

Com um sorriso irônico, Renato obedeceu.

Nada tinha nos bolsos, afora algumas moedas e uns dropes. Desapontado, Poti largou-o.

— Escute, cara — disse Renato, ameaçador —, estou cansado de ser importunado por você. Você é maior do que eu, mas fique seguro de uma coisa: vai pagar caro por isso.

Poti mirou-o, com desprezo:

— E quem vai me fazer pagar caro? Você? Um cara covarde, um cara que só sabe incomodar o pobre do Carlinhos?

— Espere para ver — respondeu o Renato.

Virou as costas e se foi.

— 7 —

Poti não deu muita importância às ameaças do Renato. Mas este não estava brincando.

Agora não se tratava só de incomodar o "indiozinho". Agora não se tratava só de preconceito. Ele estava se preparando para uma briga de verdade, como logo descobriríamos.

No colégio, Renato não tinha amigos. Não era só de Carlinhos que ele não gostava.

Também falava mal dos negros e dos mulatos.

Como sua mãe estava relativamente bem de vida — era dona de uma loja —, ele falava mal também dos "pobretões". Resultado: quase sempre estava sozinho.

Mas, a partir daquele dia, alguma coisa mudou. Ele arranjou amigos, ou capangas.

Três sujeitos como ele, mal-encarados, brigões. O César, conhecido como Jacaré por causa da boca grande. O Ronaldo (Naldo), que se divertia destruindo os orelhões perto do colégio. E o Zé Gomes, que volta e meia pegava uma suspensão por brigar com professores. Como o Renato conseguiu aliciá-los, não sei. Só sei que agora andavam juntos. Mais: os papeizinhos com aquela coisa da varíola apareciam em muitos lugares.

Dessa vez, Poti ficou preocupado. O Renato estava procurando um enfrentamento. Que ele não temia; mas sabia que sozinho não poderia comprar aquela parada.

— Temos de fazer a mesma coisa que o Buldogue — disse-me uma noite.

— O quê?

— Vamos formar uma turma. Se o cara quer briga, ele vai ter briga.

Aquilo era alarmante: uma briga de grupos poderia resultar num conflito sério. E Poti não estava brincando. Agora que assumira a defesa de Carlinhos, iria até o fim.

Procurei demovê-lo, mas em vão. Por fim, arranquei-lhe uma promessa: não seríamos os primeiros a partir para a agressão. Só o faríamos se eles nos atacassem.

Sobre essas coisas nós não falávamos com o Carlinhos. Que, aliás, estava muito estranho. Quieto, cada vez mais quieto. Na hora das refeições, em geral não dizia uma única palavra. Depois do jantar, por exemplo, contava uma ou duas histórias a Jaci, como sempre fizera, e ia para o quarto. Mamãe — com quem também não comentávamos nada — notava que algo estava acontecendo:

— Ainda é aquela coisa dos volantes?

Poti procurava tranqüilizá-la: os volantes só apareciam de vez em quando, nós não dávamos importância, estava tudo bem.

— É coisa de quem não tem o que fazer, mamãe — dizia.

O certo, porém, é que Poti estava cada vez mais irritado. Sempre que encontrava o Renato no pátio do colégio era um bate-boca.

Um dia, no recreio, perdeu a paciência e disse-lhe uns palavrões. Renato se ofendeu e ameaçou:

— Isto não vai ficar assim. Garanto: isto não vai ficar assim.

Poti, furioso, nem respondeu: deu-lhe as costas e foi embora. Mas Renato estava falando sério, como descobriríamos naquele dia mesmo, na hora da saída.

Já estávamos indo para casa, Poti, Carlinhos e eu (as aulas de Jaci terminavam mais cedo), quando, na esquina, demos de cara com o Renato e seus asseclas. Estavam os quatro ali, bloqueando a rua. Poti deteve-se:

— Vou contar até cinco. Se vocês não saírem da frente, tiro vocês daí a tapa.

— É o que vamos ver — respondeu Renato, mais arrogante do que nunca.

— Um! — disse Poti.

"Meu Deus", pensei, "isto vai terminar em pancadaria mesmo." Resolvi fazer um apelo à moderação:

— Escute, Renato, quem sabe a gente não acaba de uma vez com essa idiotice? Vamos falar como gente, cara. Nós...

— Não tem papo — cortou ele. — Eu não gosto desse irmão de vocês, e está acabado.

Se vocês quiserem resolver o problema, tirem esse cara do colégio.

— Dois!

— Nossa, o Poti sabe contar mesmo — disse o Jacaré, irônico.

— Três! — Poti avançou um passo.

— Gente, por favor — eu disse, e foi nesse momento que aconteceu.

Com um grito terrível, Carlinhos saltou sobre o Renato, com tanta violência que o derrubou. Imediatamente os outros caíram em cima dele a socos e pontapés. Poti e eu pulamos sobre aquele bolo, e pronto: não se sabia mais quem era quem, a pancadaria era infernal. Uns operários que passavam por ali nos separaram.

— Eu avisei — gritou Renato, lívido, e ele e os amigos bateram em retirada. Poti e eu nada tínhamos sofrido. Mas Carlinhos se achava num estado lamentável: pálido, tremendo, o olhar fixo, um corte na testa, a roupa toda rasgada. Nós o levamos a uma farmácia, onde lhe fizeram um curativo.

— Levem esse garoto para casa e chamem um médico — disse a moça da farmácia. — Ele sofreu um abalo muito grande.

Levamos o Carlinhos para casa e o pusemos na cama. Telefonei para mamãe.

— Vou já para aí — disse ela.

E, de fato, vinte minutos depois entrava em casa, acompanhada pelo Paulo, filho do médico com quem trabalhava. Ele se formara em medicina recentemente.

— O Paulo se ofereceu para ver o Carlinhos — explicou mamãe, nervosa.

Com muita habilidade o jovem doutor examinou o garoto, e nos tranqüilizou: não havia fratura, nenhum ferimento grave.

Receitou um sedativo e recomendou repouso.

— Fiquem de olho nele. Essa coisa pode ter desdobramentos — acrescentou.

O médico estava certo. Sob ação do remédio, Carlinhos dormiu toda a tarde; mas, à noite, repetiu-se aquela cena que tanto nos impressionara: acordamos com seus gritos, entramos no quarto, e ali estava ele, dessa vez encolhido no chão, uma expressão de terror no rosto. Mamãe deu-lhe um segundo comprimido de sedativo, esperamos que ele se acalmasse e fomos para a sala, conversar a respeito do que ocorrera. Poti era de opinião que, por uns dias, Carlinhos não deveria ir ao colégio; não haveria problema, pois eu passaria a matéria para ele. Mamãe concordava, mas ia mais adiante:

— Agora eu tenho condições de falar com a diretora e exigir que ponha um ponto final nesta história.

Com o que até me animei: afinal, o incidente poderia servir para isso, para pôr um ponto final naquela história. Estava claro que era mesmo o Renato quem espalhava os volantes. Mais que isso, sua conduta agressiva ficara comprovada. A direção tinha como tomar providências. Foi com certo alívio, portanto, que me meti na cama.

Acordei pelas seis horas, com a sensação de que havia alguém no quarto. Havia.

Era o Carlinhos. Completamente vestido e segurando uma sacola plástica, a mesma sacola que trouxera da Amazônia e que por alguma razão guardara.

— O que houve, Carlinhos? — perguntei, assustado.

— Vou-me embora — disse ele, seco.

Achei que ele estava delirando. Os golpes que recebera o teriam afetado?

— Embora para onde, Carlinhos?

— Para a minha terra. Para a Amazônia. Aqui não me querem.

— O que está havendo? — Era Poti, que acordava.

— Vou-me embora — repetiu Carlinhos.

Foi um caro custo demovê-lo da idéia e fazê-lo voltar para a cama. Carlinhos continuava repetindo: iria, sim, voltar para a aldeia (quando Poti lhe ponderou que ele não tinha passagem de avião, respondeu que viajaria de ônibus).

Acordamos mamãe. De imediato ela ligou para o Paulo, que veio ver o Carlinhos.

Depois de um exame minucioso, o médico concluiu que fisicamente ele estava bem, mas, psicologicamente, não:

— Acho que o Carlinhos deve fazer uma terapia. Esse trauma mexeu com a cabeça dele.

Mamãe ficou apreensiva. O que acharia Carlinhos daquela idéia de fazer terapia?

Resolvemos perguntar a ele. Como temíamos, não reagiu bem: não queria contar seus problemas a um estranho. Nós argumentamos, tentamos lhe mostrar que aquilo o ajudaria.

No fim, quem decidiu a questão foi Jaci. Abraçando Carlinhos, ela disse:

— Você conta para ele sua história, Uirapuru, como contou para mim a história da vitória-régia.

Carlinhos riu — pela primeira vez, em muito tempo, estava rindo — e concordou: iria, sim, ver o terapeuta, que era um colega do Paulo.

— 8 —

Aos poucos, as coisas foram voltando ao normal. A terapia funcionou bem; em algumas semanas Carlinhos era outro: voltou a conversar conosco, voltou a rir.

Muito importante: voltou a contar histórias a Jaci.

Mas não queria retornar às aulas.

Francisco, o terapeuta, conversou com mamãe e disse que era melhor esperar mais um pouco:

— O que aconteceu no colégio foi muito doloroso para o Carlinhos. Estamos conversando sobre isso, e, quando ele estiver pronto, retornará.

No colégio as coisas tinham mudado. Renato foi chamado pela direção, confessou que era ele quem fazia os volantes contra o Carlinhos. E recebeu sem dizer nada a notícia de que seria punido com suspensão.

Duas semanas se passaram, e uma manhã acordei com o Carlinhos de novo em nosso quarto. Estava completamente vestido, mas agora segurava não a sacola plástica, e sim a mochila, aquela bela mochila com que mamãe o tinha presenteado. Não precisou falar nada: eu entendi que ele estava, sim, disposto a enfrentar o desafio. O desafio de voltar à escola. O desafio de assumir sua identidade. O que não seria nada fácil.

Carlinhos mudara muito. Ia às aulas, fazia os trabalhos — mas falava pouco, parecia distante. Jaci reclamava:

— Eu quero que você volte a ser como era, eu quero você como Uirapuru.

Ele sorria, não dizia nada.

Quanto a Renato, já não mostrava publicamente sua hostilidade. Mas isso não significava que tivesse aceitado Carlinhos. Ignorava-o, não falava com ele. Se por acaso estava em uma roda conversando e Carlinhos chegava, ia embora. Poti não ligava para essa situação; eu, porém, gostaria de terminar de vez com ela, aproximando os dois. O que parecia missão impossível.

No final de maio realizava-se uma atividade que todo mundo aguardava com muita expectativa: era a tradicional excursão do colégio. Todos os anos a direção propunha aos alunos uma lista de lugares para serem visitados. Fazia-se uma votação, escolhia-se o lugar, e, no dia marcado, lá íamos todos, em vários ônibus. Era uma festa.

Naquele ano, a escolha foi difícil. Eram cinco, os lugares propostos, cada um mais bonito e interessante que o outro. As discussões foram intensas; houve até campanha, como se fossem eleições. Poti, por exemplo, fez vários discursos no

pátio, defendendo o "seu" lugar: a praia da Cacimba. Que Jaci e eu, por solidariedade a ele, apoiávamos. Carlinhos, não. Mantinha-se quieto, alheio à disputa.

Uma tarde, fomos todos convocados para o auditório: seria divulgado o resultado da votação. Na maior expectativa corremos para lá. A diretora começou falando dos lugares propostos, dizendo que todos justificavam uma visita; mas, acrescentou, só poderíamos ir a um único lugar, e ele já tinha sido escolhido, por escassa margem de votos.

Depois de alguns momentos de suspense, anunciou:

— É o Parque de Itacolomi.

Tive de reconhecer: tratava-se de uma boa escolha. O parque era famoso pelas belas paisagens e pelos roteiros ecológicos.

Subindo ao palco, e com auxílio de slides, o professor Marcelo explicou o que iríamos ver:

— No parque existem vários cânions, lugares onde, no passado, a crosta terrestre se abriu, formando fendas muito profundas.

Nós vamos visitar um deles, o Coroado, que tem três quilômetros de comprimento e mais de mil metros de profundidade. No fundo do cânion corre um rio. É uma região de mata nativa, onde vivem espécies raras de animais.

Nós olhávamos os slides, maravilhados.

— Enfim — concluiu Marcelo —, é um passeio belíssimo. Mas tem seus perigos também. Por isso, vocês têm de obedecer às instruções dos guias que vão conosco.

Saímos do auditório muito animados. Poti já tinha aceitado a derrota e admitia que aquele seria um grande passeio.

Jaci estava entusiasmadíssima. Só Carlinhos mostrava-se quieto, reservado. Peguei-o pelo braço:

— O que houve, Carlinhos? Você não gostou da escolha?

Ele disse que sim, que tinha gostado.

— Mas não parece muito contente — observei.

Ele suspirou:

— Não dá, Cauê. Eu queria me sentir entusiasmado, como o resto do pessoal. Mas não consigo, simplesmente não consigo.

— Não se preocupe — falei. — Quando a gente estiver lá, você vai vibrar, tenho certeza.

— É o que espero — disse ele, com aquele seu sorriso triste.

Nos dias que se seguiram, preparamo-nos para o passeio. Mamãe deu-nos até um presente: uma câmera fotográfica nova — a que tínhamos já não funcionava bem.

Chegou o dia. Estava escuro ainda, quando nos reunimos na escola — a viagem até o local durava várias horas. Felizes, fomos todo o tempo cantando e fazendo brincadeiras.

Passava das dez quando chegamos ao parque, e logo constatamos que o professor Marcelo não tinha exagerado: o local era mesmo belíssimo. Os guias nos dividiram em grupos, voltaram a recomendar que, em hipótese alguma, nos afastássemos uns dos outros, e começamos a caminhada.

Durante horas, percorremos as trilhas, extasiados com aquela paisagem arrebatadora.

Tudo era bonito: as rochas, as árvores, o rio lá no fundo. E as cores! O cinza-escuro das pedras contrastando com o verde das árvores, com o amarelado dos campos queimados pelo sol, com o azul do céu!

Por volta das três da tarde retornamos ao ponto de partida. Faríamos um lanche, depois conversaríamos um pouco sobre o que tínhamos visto e voltaríamos. E então Poti me agarrou pelo braço:

— Cauê, onde está a Jaci?

Eu não tinha visto a Jaci: ela fora com outro grupo, o dos menores. Esse grupo acabara de retornar. Mas Jaci não estava ali. Todo mundo ficou alarmado.

E não era só a Jaci que estava faltando: o Dinho também havia sumido. Dinho era o apelido de Armando, Armandinho, colega de Jaci. Um garoto franzino, de grandes olhos azuis — muito inteligente e muito quieto.

Dinho e Jaci davam-se bem; na verdade eram amigos inseparáveis. O que não deixava de ser irônico: Dinho era irmão de Renato. Que, como era de seu feitio, não dava atenção para o garoto: na escola, nem sequer falava com ele. Mas, agora, Renato estava — como Poti e eu — muito assustado.

— Quero o meu irmão — ele repetia. — Não vou embora sem o meu irmão.

Àquela altura, o pânico já tinha se generalizado, muita gente estava chorando.

Marcelo, que, com dois outros professores, chefiava a excursão, tentava nos acalmar:

— Não há motivo para pânico, gente. Essas coisas acontecem. Mas os guias conhecem a região e logo encontrarão o Dinho e a Jaci.

Vamos fazer o seguinte: os professores vão levar vocês de volta. Eu e os guias ficaremos aqui.

— Mas eu só volto com meu irmão — disse Renato, e era o que Poti e eu também havíamos decidido; Carlinhos não disse nada, mas postou-se ao nosso lado.

— Está certo — disse Marcelo —, vocês ficam.

Os guias resolveram começar imediatamente a busca.

Nós fomos para a modesta hospedaria existente no local. Ali deveríamos aguardar.

De longe, ouvíamos os gritos dos guias chamando por Jaci e Dinho, o som dos seus apitos.

Rapidamente escureceu. Uma senhora nos trouxe sanduíches e café com leite, mas não comemos — estávamos aflitos demais para isso. A noite passou, uma longa noite, na qual não conseguimos dormir: cochilávamos um pouco, nos sofás da hospedaria, mas acordávamos em seguida, sobressaltados.

De manhã, os guias apareceram, exaustos.

Não tinham encontrado nenhum sinal dos dois.

— Vamos pedir auxílio — disse o chefe deles. — Precisamos de mais gente. Precisamos de um helicóptero.

E se foram. Carlinhos levantou-se e, sem dizer uma palavra, saiu. Suspeitei de algo, fui atrás dele. Ele já se encaminhava para uma das trilhas. Corri, alcancei-o:

— Aonde é que você pensa que vai, Carlinhos?

— Vou procurar a Jaci e o Dinho.

— Não vai, não — eu disse, nervoso.

— Vou, sim. Escute, Cauê: se há coisa que eu sei é me orientar no mato. Fiz isso desde criancinha, logo que aprendi a caminhar. Eu sou da floresta, cara. Tenho certeza de que vou encontrar a Jaci e o Dinho, Cauê.

— Mas...

— Por favor, Cauê, confie em mim. — Pôs a mão no meu ombro. — Volte, não fale nada. Se perguntarem, diga que estou aqui por perto.

Eu vacilava, ainda. E se ele se perdesse também? Mas alguma coisa me dizia que Carlinhos sabia o que estava fazendo. Eu sentia nele aquela sabedoria dos povos que vivem em meio à natureza — uma sabedoria que passa de geração para geração e que ele devia ter recebido de seus ancestrais indígenas. Fiquei a olhá-lo até que ele entrou no mato. Então, com um suspiro, voltei.

Permanecemos em silêncio, ali, por mais de uma hora, juntamente com o professor Marcelo. E aí Poti se deu conta da falta de Carlinhos. Virou-se para mim, intrigado:

— Onde se meteu o Carlinhos?

— Foi dar uma volta.

Ele estranhou:

— Uma volta? Que raio de volta é essa? Faz um tempão que ele sumiu.

Olhou-me, desconfiado — e alarmado:

— Você sabe aonde ele foi. Diga logo.

Não havia jeito: fui obrigado a contar a verdade. Poti ficou por conta comigo.

— Você não podia ter deixado, Cauê. De maneira nenhuma.

— Temos de avisar os guias — disse Marcelo, igualmente irritado.

Saímos. Nenhum dos guias estava por ali.

De repente, um ruído ensurdecedor: era o helicóptero chegando. Pousou bem na nossa frente. Fomos até lá, nos apresentamos ao piloto e ao oficial que o acompanhava, o tenente Barbedo, que perguntou:

— Então, são dois os desaparecidos?

— Três — disse Marcelo, e ia explicar, quando de repente o rosto de Poti se iluminou.

— Olhem lá! — gritou ele.

Do mato vinha saindo Carlinhos. Junto com ele, Jaci e Dinho.

Sei que nem sempre isto acontece, mas aquela história teve um final feliz. Jaci e Dinho estavam muito assustados, e esfomeados — logo devoraram vários sanduíches —, mas, de resto, nada lhes sucedera. Jaci contou que os dois tinham resolvido, em pleno passeio, brincar de esconde-esconde.

Esconderam-se do grupo e depois não conseguiram mais alcançá-lo. Haviam passado a noite na mata, tremendo de frio. Ouviam os gritos dos guias e gritavam também, mas a fraca vozinha de ambos não era escutada. E aí começaram a chorar e a se desesperar, até que de repente o Carlinhos surgiu na frente deles.

Imediatamente voltamos para a cidade, onde a notícia já se espalhara. Carlinhos foi recebido como um herói, e entrevistado pelas rádios e tevês. "Garoto usa a sua experiência da selva amazônica para encontrar crianças perdidas", era a manchete de um dos jornais. A professora Helena achou que aquilo merecia uma comemoração. Uma grande festa foi organizada no colégio, para os alunos e seus familiares; o prefeito veio, e entregou a Carlinhos a Medalha do Mérito da Cidade.

Depois da festa, estávamos no pátio, conversando — a diretora, o professor Marcelo e nossa família —, quando Renato veio a nosso encontro, junto com a mãe e o Dinho. Dirigiu-se a Carlinhos:

— Minha mãe queria conhecer você.

Ela não disse uma palavra: em lágrimas, simplesmente abraçou o garoto. Aí olhamos para o Renato.

Será que ele iria dar o braço a torcer, abraçando também o Carlinhos? Não, não fez isso. Mas falou, e havia sincera admiração em sua voz:

— Você foi fora de série, cara.

Pensou um pouco e acrescentou, com um sorriso malandro:

— Quer saber? A varíola não está com nada.

Não sei se aquela história da varíola, e das outras doenças dos índios, influiu, mas o certo é que Carlinhos decidiu estudar medicina. Como eu, aliás: nós nos formamos juntos. Mas tomamos rumos diferentes. Eu me tornei cirurgião. Ele, porém, achava que tinha uma missão a cumprir. Voltou para a Amazônia, onde se reconciliou com o avô — àquela altura um ancião — e com o resto da família, e ficou trabalhando por lá, num posto de saúde. Depois de algum tempo, começou a

pesquisar as plantas medicinais da Amazônia. Com as informações que lhe dão os índios, entra na floresta em busca de espécimes ainda desconhecidos. Recentemente descobriu uma substância que pode ajudar bastante no tratamento do câncer. Como ele escreveu, numa carta: "Não deu para salvar o nosso pai, mas talvez dê para salvar outros pais".

— Nosso irmão é como o uirapuru — diz Jaci, que se casou e tem um filho chamado Peri. — Ele está lá, no meio do mato, escondido.

E acrescenta com um sorriso:

— Mas a gente continua escutando o seu canto.

Sobre o autor

Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre, em 1937, e é médico e escritor. É autor de mais de sessenta livros, entre romances, contos, literatura juvenil e ensaios, vários deles premiados. Suas obras já foram publicadas em diversos países. Moacyr é colunista dos jornais “Folha de S.Paulo” e “Zero Hora”.

Entre suas obras mais recentes estão “Os leopardos de Kafka” (Companhia das Letras, 2000) e “Éden-Brasil” (Cia. Das Letras, 2002).

Pela Companhia das Letrinhas, lançou “O livro da medicina” (2000), uma apresentação da profissão para crianças e jovens.